

CIDADE

Distrito Federal

CEILÂNDIA

Malas criam território livre das drogas

Luis Turiba

“O bicho vai pegar”. Em Ceilândia todo mundo entende a linguagem de *Mão-de-gato*. É a mensagem de um excluído social, o grito de guerra de um *mala*.

A frase é repetida por todos na cidade: marginais e trabalhadores, donas de casa e estudantes, policiais e empresários, jovens, velhos e crianças. Em Ceilândia, os moradores pisam devagar, sabem que o risco é constante.

“Deus queira que os governantes entendam a mensagem desse jovem, que é um solitário”, diz Gerson de Souza, responsável pelos bailes funk do Quarentão — Salão Comunitário de Múltiplas Funções.

Soldado — *Mão-de-gato* é um dos inúmeros soldados do tráfico que atuam numa das 50 bocas de fumo que funcionam quase que livremente em becos, esquinas e vielas.

Expulso do mercado de trabalho, culturalmente desgarrado, ele admite: “aí moleque: não tenho mais chances, tá ligado?! Hoje, só quero saber de andar nos ouro.”

Nas bocas de fumo da Ceilândia, algumas com estrutura familiar, é intenso o movimento de venda de cocaína, maconha e merla — este último, subproduto do refino da coca.

Em alguns desses pontos, o balanço das transações feita de uma sexta para sábado pode chegar a R\$ 35 mil, segundo avaliação de um X-9 (informante da polícia).

A lata da merla custa R\$ 70,00, o sacolé de pó R\$ 20,00 e uma trouxinha de maconha, R\$ 10,00.

República — O mundo social de *Mão-de-gato* é o mesmo onde viveu *Papa-léguas*, assaltante executado com mais de 30 tiros.

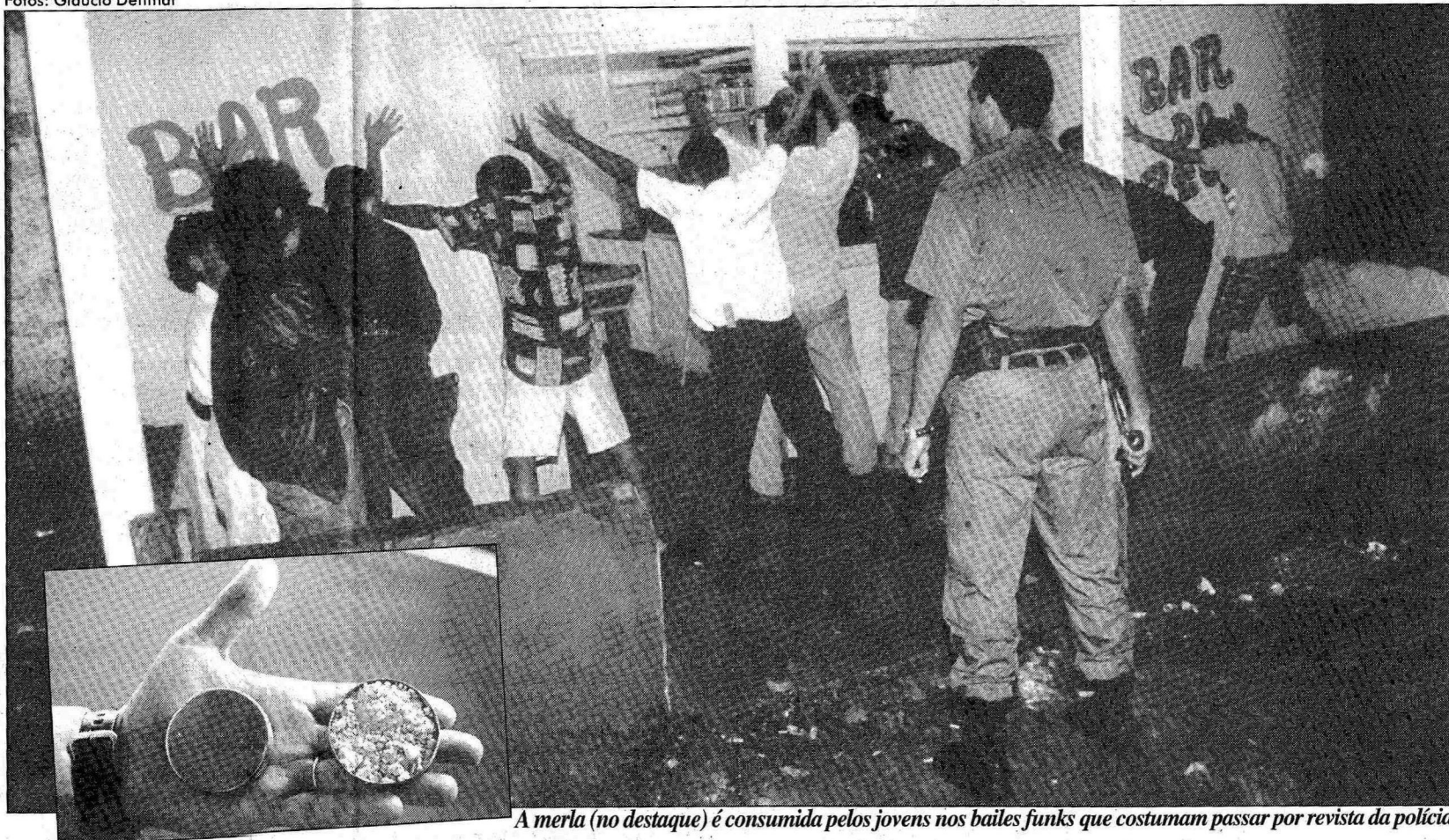
Há milhares de outros jovens nesse mesmo desvio. Conhecidos por apelidos estranhos como *Macarrão*, *Perereca*, *Boy*, *Cambito* e *Bigula*, moram na Ceilândia e migram para cidades vizinhas, como Samambaia, Santa Maria, Gama e Pedra Azul.

São desempregados, viciados, adictos, desqualificados, biscoiteiros e marginais que conscientemente resolvem trilhar o caminho do crime.

Na falta de opção, se organizam, se armam, formam hordas que dominam ruas e duelam entre si pelo poder da *República dos Malas*.

“A situação de desemprego nessas cidades é alarmante”, diz o secretário do Entorno, James Lewis. “É preciso distribuir também segurança”, pede o promotor Francisco Leite. O administrador da Ceilândia José Eudes avisa: “Para dar jeito, será preciso três governos Cristovam.”

Fotos: Gláucia Dettmar



A merla (no destaque) é consumida pelos jovens nos bailes funks que costumam passar por revista da polícia

Cemitério de automóveis roubados

O Opala branco placa BX 9653 acaba de ser abandonado pelos ladrões num matagal próximo ao futuro mercado Varejista, no P Norte.

São três da madrugada de um sábado chuvoso. Uma neblina intensa cria um clima cinematográfico no local. O motor do Opala ainda está quente e as lanternas não foram sequer desligadas.

O tenente Luis Ribeiro aciona a Central de Operações da PM (Copol) pelo rádio da sua patrulha. Rapidamente localiza o endereço do proprietário do carro, morador da Candangolândia.

O Opala estava sendo levado para o grande cemitério de automóveis que se transformou a Expansão do Setor O.

Ali, deveria ser vendido imediatamente por R\$ 200,00 ou R\$ 300,00. Seria, então, imediatamente depenado e suas peças espalhadas pelo mercado ceilandense.

Abandono — Os ladrões, no entanto, deram azar. Derraparam na estrada, bateram num poste e quase capotaram. Por isso, tiveram que deixar o *ganho* no meio do caminho.

Existem hoje mais de quatro mil



O Opala, que derrapou e bateu, ia ser vendido por cerca de R\$ 200,00 e suas peças seriam negociadas na Ceilândia

pequenas oficinas espalhadas pelos 300 quilômetros quadrados que formam o território urbano e rural da Ceilândia.

Mas somente 10% delas estão legalizadas com alvarás de funcio-

namento em dia junto à Administração Regional. A grande maioria são *bibocas*, oficinas de lanternagem, onde funcionam desmontes de carros e vendas de peças.

Pelas estatísticas da 5ª Compa-

nhia da Polícia Militar, o número de carros roubados na cidade foi superior a 700 no ano passado. A grande maioria, porém, foi recuperado horas depois ou no dia seguinte.

De cabeça feita e solta na noite

Domingo, seis da tarde, lusco-fusco na Ceilândia. S.A.C., uma jovem de 17 anos, ganha às ruas da cidade.

Ela resolveu ir à luta para quebrar a monotonia criada pela falta de opção e lazer — tanto do local onde mora como da própria vida.

Brigou com a mãe e com o namorado. Diz que está se sentindo muito deprimida.

Por isso, calçou um *buti* militar, vestiu uma jaqueta de couro preto e gola alta, jogou um *charme* nos cabelos e saiu sozinha para barbaizar numa noite povoada de *noia-dos* (pessoas sob efeito da merla, subproduto da cocaína).

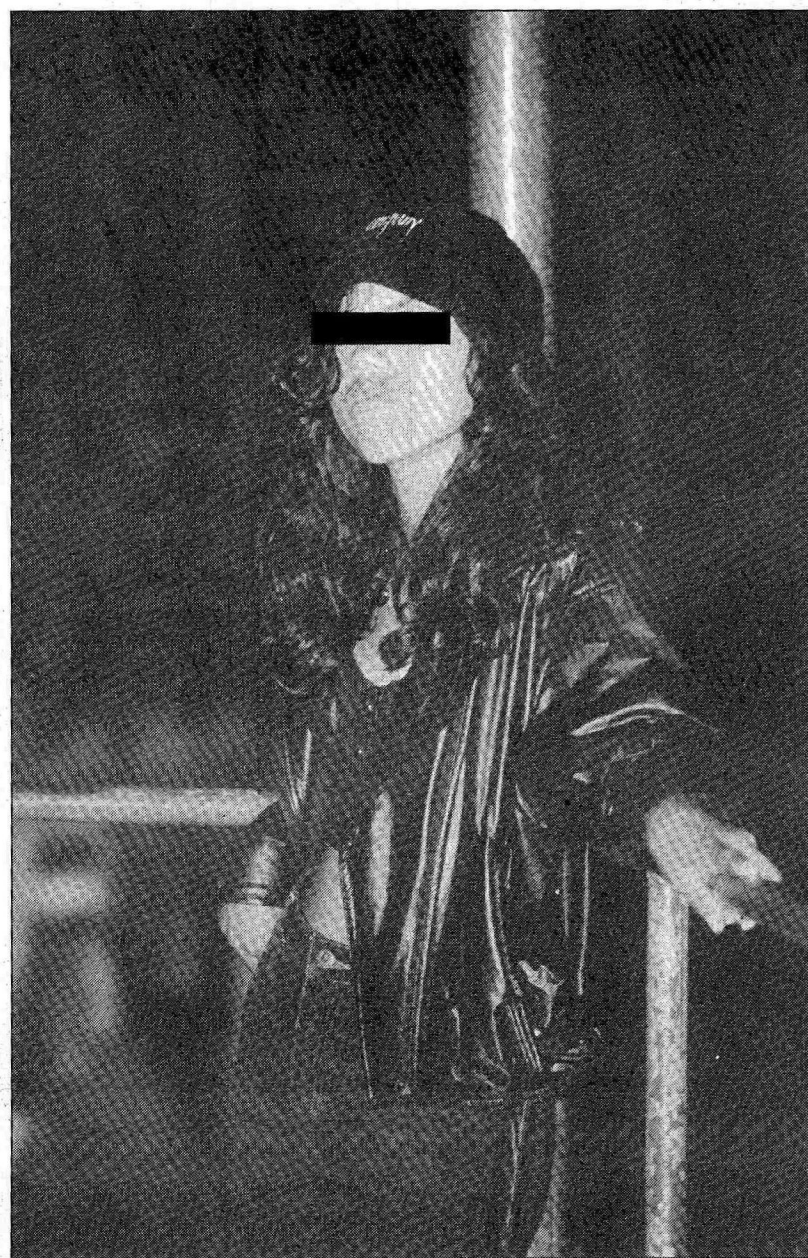
“Taf, 6. Hoje topo qualquer parada. Tô afinzona de uma merla”, anuncia, afoita, e pronta para uma noite de farra.

Horizonte — Fã do reggae, S.A.C. pode ser definida como uma típica adolescente ceilandense. Não sabe bem o que quer, mas tem certeza do que não quer.

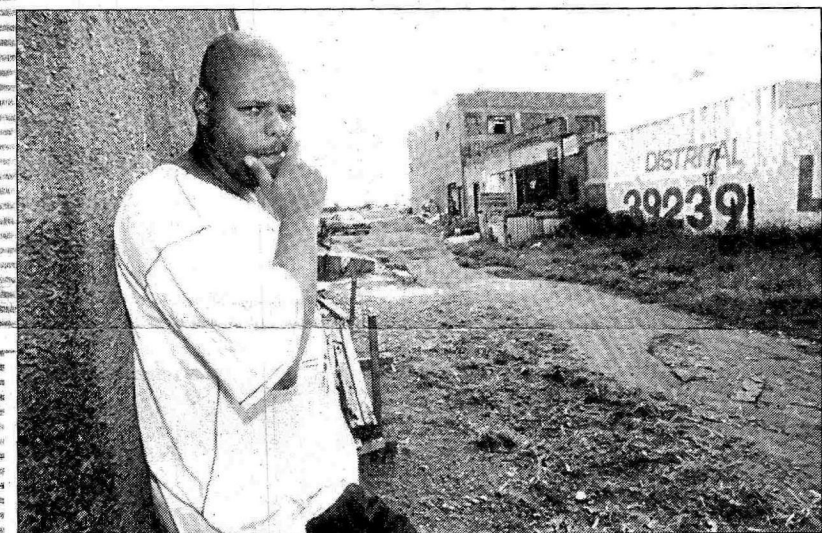
“A vida aqui é muito ruim. Você termina caindo na mão dos *malas*, dos maloqueiros. Todo mundo lá na escola se queixa disso”, diz.

Fazendo caras e bocas para a máquina fotográfica do repórter do **Correio Braziliense**, ela termina confessando que está com medo.

“Matam as pessoas na frente da gente. Morte aqui já presenciei três. Como segurar essa barra? Por isso que hoje saí para experimentar merla. Dá licença que vou à luta...”



S.A.C., 17 anos, brigou com a mãe e o namorado: “Topo qualquer parada”



Líder do grupo de rap Câmbio Negro, X é um ídolo para os jovens da cidade

Bailes funks dividem cidade

Funk-se quem puder. Uma controvérsia cultural atormenta a administração petista de Ceilândia: baile funk é ou não é arte? Eis a questão.

“O funk é muito excitante e perigoso. O movimento cultural da cidade protestou porque emprestamos o Salão Comunitário de Múltiplas Funções, o *Quarentão*, para um baile desse pessoal”, diz o administrador José Eudes.

“São hipócritas e preconceituosos. Não adianta represar o rio. Mais cedo ou mais tarde, o dique vai arrebentar”, avisa o técnico em eletrônica Gerson de Souza, organizador do *Power Disco Dance*, grupo que realiza os bailes.

“Se acontecer algum crime, a responsabilidade é da administração regional”, sentencia o major Fraga, da Polícia Militar.

Segundo ele, havia um acordo na administração passada contra esse tipo de baile.

“Os *malas* saem do baile destruindo tudo que vêm pela frente: orelhões, letreiros, ônibus. Que tipo de divertimento é esse?”, pergunta o major.

Desarme — Os jovens que compareceram ao primeiro baile funk da administração Eudes trataram de manter calmo o ambiente antes, du-

rante e depois da festa.

Nove revólveres foram recolhidos na portaria e depois devolvidos aos proprietários.

O uso de maconha, cocaína e merla, no entanto, é praticamente liberado no ambiente.

“É a lei Gabeira que já está valendo aqui antes de ser aprovada pelo Congresso”, diz com ironia Manoel Firmino, assessor da administração petista.

“Esse problema é da polícia que não cumpre devidamente seu papel. Se proibirem os bailes, vou entrar na Justiça”, afirma Gerson de Souza.

Astro — Terra do forró e das cantorias nordestinas, com mais de quatro mil botecos de fundo de quintal, a Ceilândia também tem seu astro pop.

É X, 26 anos, produtor, organizador e líder do grupo de rap Câmbio Negro, que acaba de gravar seu segundo CD com o título *Diário de um feto*.

No trabalho, X canta o rap *Ceilândia, revanche do gueto*, onde retrata criticamente os problemas da cidade.

“Para o pessoal da minha geração, sou um porta-voz. Para os jovens, sou um irmão”, explica o astro ceilandense.

O QUE É UM MALA

A gíria nasce da malandragem. Segundo definição acadêmica, “é a linguagem usada pelos gatunos, malandros e outras pessoas de hábitos duvidosos, para não serem compreendidos por outras pessoas”.

O *mala* é uma gíria tipicamente brasileira. No Rio de Janeiro, *mala* é aquele sujeito chato, uma *mala sem alça*, um contêiner, alguém insuportável.

Em Brasília, ele é o quase-bandido. Ou, segundo o promotor de Justiça da Ceilândia, Francisco Leite, “é o sujeito que ultrapassa o princípio da legalidade e infringe as normas de convivência”.

“Aqui na Ceilândia tem tudo quanto é tipo de *mala*. Tem o que caxanga (furtos de casa), o que roda no berro (assalto à mão armada), o que passa bagulho (vende drogas), o noiado (viciado), o churre (batedor de carteira), o descuidista (furtos rápidos) e o que dá pancada por R\$ 60,00 em qualquer pessoa”, explica o *mala* Mão-de-gato.

Tem *mala* entre bandidos e na polícia. Há agentes civis e PMs que recebem propina para fazer vista grossa.

“Soldado meu não pode se queixar de pressões e ameaças nem se comportar como um *mala*”, avisa o major Fraga.

Mala para mim é bandido que mata um jovem para roubar o fênis”, define o cantor X, que perdeu um amigo num assalto barato.